

Peregrinação a Sul

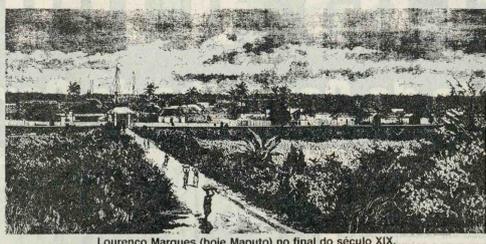
«O DITO E O FEITO» DE JOÃO MARTINS PEREIRA: UM ROMANÇO AFRICANO

1. Chamava-se Diocleciano Fernandes das Neves e nasceu em 9 de Julho de 1829, a três quilómetros da Figueira da Foz...

2. Chefe da Alfindânea, ganhando dos negros o nome de Malambacheca, «o homem-que-caminha-rindo»...

Assim, em 1859, demitiu-se do seu cargo oficial e encontrou uma nova e apaixonante fase da sua vida...

Dessa franca conversa de dois homens que se respeitavam e admiravam, nasceu a decisão de Diocleciano de intervir no conflito...



Lourenço Marques (hoje Maputo) no final do século XIX.

também, com o seu conselho e os seus conselhos, até, muito provavelmente, com a sua presença, ao lado das forças de Muzila na batalha final que derrotou Mauvea...

Logo após o encontro com Muzila, um homem da confiança do caçador português, filho de um chefe de guerra do regulo Maxaquene...

Mauvea. No ano seguinte, emigrantes de Muzila, depois, o próprio, acompanharam Diocleciano das Neves em importantes diligências na vila de Lourenço Marques...

6. Desta importante mudança ocorrida na África Austral resultou um relacionamento prolongado de paz na região, bom para funcionários, caçadores, lunantes e moçambiques...

graço a essa mudança e à intervenção que nela teve, conseguiu Diocleciano de Muzila a concessão de 1600 quilómetros quadrados de terreno...

7. Graças a essa mudança e à intervenção que nela teve, conseguiu Diocleciano de Muzila a concessão de 1600 quilómetros quadrados de terreno...

8. Só que a ocupação pacífica para criar riqueza pelo trabalho do solo não era, a época, coisa que as autoridades coloniais bem entendessem...

Uma serena e modesta lucidez

«O DITO E O FEITO» DE JOÃO MARTINS PEREIRA

O livro chegou-me às mãos pouco depois de ter sido lançado há alguns meses. Conheci o autor em Lisboa, no Verão...

Me me apetece escrever sobre «O dito e o feito» porque descubro nas suas páginas a força do heróico, uma repugnância pela pose...

dois pelas estruturas de poder que nos regem, sobretudo, um acto quotidiano de resistência? Se me apetece escrever sobre «O dito e o feito»...

«O adversário imaginário» Escrive João Martins Pereira que MEC «trava frequentes batalhas contra moínhos de vento»...

ideologia em que eles se originam, expulsando-os do terreno dorado e tentador da demagogia e do espectáculo...



Carlos de Oliveira.



Augusto Abelaira.

nosso duplo insignificante que etevamo a qualidade de pai tirado do contexto só (irritantemente) e castrador. Penetrar o sentido de um texto sem se deixar levar pelo que ele apresenta...

Mas o «adversário imaginário» não é apenas uma imagem (uma figura) da realidade do inconsciente. O «adversário imaginário» toma sempre a forma de personagens da nossa realidade...

ferioidade em que nos sentimos). Destes temas (pag. 80) e de outros fala João Martins Pereira, a seu modo, desenvolvendo ao longo das páginas de um livro que é melancólico e meiormente uma reflexão rigorosa, serena, inflexível sobre os acontecimentos que fazem o seu quotidiano...

Abelaira: um parentesco

Poderia dar mais exemplos do «exercício de lucidez» que nos propõe o autor de «O dito e o feito». Assinalar as páginas em que ele desmonta o mecanismo das frases feitas e não pensadas...

Por JOÃO CAMILO

reservas do poder do outro, que sempre nos oprime.

Retiro-me ao parentesco que não quero deixar de sentir entre este livro e os romances de Augusto Abelaira...

1. Mais depressa é impossível: a fábrica dos «gênios» produz a velocidade estonteante. Nem um «fast-food» iguala esse ritmo...

5. E de tal modo se imbeciliza o utente que aparece, por todos os lados, a dar ao rabo e a dizer — nos jornais (até nos desportivos, que deviam ser saudáveis), na televisão — que «há cem anos de chitice» que lhe «anunciavam» a morte da sogra, que «leve» o seio da secretária (ou da cunhada)...

NOTAS ELEITURAS

«Cemitério dos Desejos» de José Gil

UMA EPIFANIA MÍTICA

Por JOSÉ EMÍLIO-NELSON

José Gil escreveu uma parábola modelar em «Cemitério dos Desejos» (ed. Relógio d'Algo, tradução de Alfredo Margarido)...

Essa intenção que estabelece a historicidade, essa representação onde se expõem as variantes das alternativas repressivas, os aspectos mais salientes das incongruências sociais, surge com uma evidência apropria-



da à dimensão do nosso tempo. Exprime significações que espelham a intolerância e a clarividência de uma sociedade, como dizer?, negligenciada.

São degenerações, de algum modo, com o personagem, no reconhecimento de cada círculo empolgado: Em «Cemitério dos Desejos», enredo de observações que fixam a frustração do quotidiano histórico...

CEMITÉRIO DOS DESEJOS

ROMANCE

Para sintetizar, o autor de «Cemitério dos Desejos», transfigura e generaliza, metoriza, se quiser assim dizer, a informação do real. Apresenta uma realidade para explicitar o símbolo. Em qualquer caso, predomina o símbolo, a continuidade de desconhecidos que recuperam essa epifania mítica.

«E os leitores são surpreendidos com a singularidade da escrita inteligente de José Gil, não sentenciosa, não tendenciosa, não preconceituosa, não coberta de uma parábola».

ESPÍRITO DE TERCEIRA

Por MANUEL POPPE

1. Mais depressa é impossível: a fábrica dos «gênios» produz a velocidade estonteante. Nem um «fast-food» iguala esse ritmo...

2. A verdade, porém, é que se parte de uma base desonestas: vende-se, aos esfomeados, o falso pelo autêntico. Aproveita-se, pois, a carestia e a ingenuidade e impropriação dos que pedem. A cultura é um mercado que os mercadores descobrem. Nem só de pão vive o Homem... mas pode, infelizmente, ser alimentado com «espírito de terceira»...

3. Não há nada como vender «Dallás» ou livros que ninguém lê, mas compra, porque a sua compra disfarça a sua ignorância.

9. Não são «gênios»: são os nossos pequenos adalhões: a adalbrice que nos convém e nos integra nas instituições; naturalmente, nas de hipocrisia, nas de matar, pragmaticamente, o sono. Vamos ao fundo de nos próprios, para desistirmos. Os pequenos «adalhões» somos nós próprios: a nossa hipocrisia, a nossa covardia.